



O FUTURO DA EDUCAÇÃO DIANTE DA DESESTRUTURA FAMILIAR

LENILDA PEREIRA DOS SANTOS

RESUMO

Qual será o futuro da educação diante da desestrutura familiar, inversão de valores éticos e morais esse fator varia conforme o modo de vida de cada país e questões sociais e culturais. A desestrutura familiar acaba refletindo no desempenho escolar e diante essas mazelas há necessidade de ações da tomada de consciência sobre os fatos que envolvem a prática no sistema educacional em sua particularidade cada educador é um ser crítico, autônomo — que respeita os saberes prévios do educando —, ético e moral, cujas palavras e ações servem como testemunho diante do que estamos vivenciando ambos os lados tanto a instituição familiar como a instituição educacional necessita de um processo reeducação pois, o ato de ensinar exige criticidade, curiosidade, uma inquietação indagadora que propicie discernimento, ética e estética, pois o professor tem a obrigação de ser um testemunho rigoroso de decência e pureza, portanto o ensino dos conteúdos não pode estar alheio à formação moral dos estudantes cujo em destaque vem a importância do setor pedagógico na integração das famílias. Envolver os familiares na elaboração da proposta pedagógica pode ser uma das metas da escola que pretende ter um equilíbrio no que diz respeito à disciplina de seus educandos e mesmo a sociedade moderna vivendo uma crise de valores éticos e morais sem precedentes a instituição escolar também deve propiciar meios de aproximação com a família e a comunidade, direcionando e orientando para que os responsáveis tenham ciência que educar não é papel exclusivo da escola, e sim papel de todos.

Palavra-chave: Futuro; Educação; Família; Escola; Desestrutura

1 INTRODUÇÃO

Todos os dias nos deparamos nas instituições escolares com um público-alvo com dificuldade tanto em aprendizagem, quanto na parte comportamental esse fator é perceptível diante das mazelas na sociedade, distorções de valores, questões culturais e sociais.

É perceptível que todo indivíduo, de qualquer classe social ou nível econômico, tem a probabilidade de se sentir confuso, ameaçado e inseguro com as exigências das instituições educacionais quando impostas diante da ausência de estrutura familiar e falta de normas e regras de conduta que resultam das dificuldades de aprendizagem e indisciplina por isso, não é estranho que esses obstáculos expressem certa tendência cultural-política de educação de saúde e bem-estar. A tendência cultural dos contratempos de aprendizagem e a tendência comportamental a eles citada dependem das múltiplas situações dos alunos e das aspirações que os envolvem.

Partindo do princípio de que a família deve ser à base da formação de todo indivíduo e tem papel decisivo na formação de caráter e diante de novos conceitos há necessidade tenha uma parceria entre escola e família, para de formar cidadãos que saibam como viverem no mundo atual. Percebe-se que no atualmente falta de envolvimento, participação, apoio e limites das famílias para com as crianças, acaba decaindo um pouco a educação de qualidade.

Diante do exposto o que dificulta a instituição escolar fazer intervenções, pois em alguns momentos se deparam com a falta de limites e responsabilidade do próprio responsável

que ao se deparar com as normas e regras de conduta também reage agressivamente transparecendo a ausência de educação o gera uma união fictícia.

Como explicitado por Oliveira (2002), em complemento à ideia de Áries (1988), a educação conjunta entre família e professores, na prática, acaba não apresentando uma união real, e sim uma alternância de visões sobre as estratégias preferidas por alunos, pais ou docentes.

Outro elemento urgente a ser tratado é a transferência de responsabilidades educacionais. Carraro (2006) afirma que essa cessão das famílias para a escola se dá porque os pais têm cada vez menos tempo para se dedicar à educação básica dos filhos e em virtude da desestrutura familiar.

Sobre a atuação pedagógica, vale lembrar a importância do setor de supervisão e orientação pedagógica na escola, que devem atuar de modo preventivo junto a todos os integrantes dos diversos segmentos da instituição educacional, procurando criar espaços de discussão, reflexão e instrumentalização da equipe escolar, bem como de melhor atendimento ao aluno, propiciando-lhe o suporte necessário para atingir a autonomia.

Diante do exposto, o objetivo deste estudo é destacar a importância do setor pedagógico na integração das famílias. Qual é o papel da escola e da família? Qual é a real importância da intervenção pedagógica para a integração entre escola e família? Qual é o papel da família e o da escola?

A desestrutura familiar reflete no desempenho escolar. Quando há consciência sobre os fatos que envolvem a prática, cada educador é um ser crítico, autônomo — que respeita os saberes prévios do educando a parte ética e moral, sem sentimentos discriminatórios sendo reflexivos, assumindo acertos e erros, de modo que os estudantes tenham a certeza de que estão sendo bem-orientados e acolhidos.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Esta pesquisa tem como principal fonte uma revisão de literatura atrelada à pesquisa bibliográfica cuja necessidade de aprofundamento e embasamento teórico é justificada pela relevância do tema, uma vez que muito se tem discutido a respeito da importância da integração de ambas as instituições como meio do processo de melhoria da aprendizagem e da integração entre família e escola, no sentido da proposição de uma educação de qualidade a criança e o adolescente.

De acordo com Severino (2007), a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza com base em registros disponíveis, decorrentes de estudos anteriores em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc., valendo-se de dados, ou categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registradas. Já o exame documental tem como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só os impressos, mas sobretudo outros tipos, tais como jornais, fotos, documentos legais e gravações.

A pesquisa qualitativa envolve dados descritivos obtidos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente artigo tem como objetivo destacar, com base na revisão da literatura, a importância da integração da instituição escolar e instituição familiar para o bem estar da criança e do adolescente e melhorias no enfrentamentos diante das mazelas sociais é nítido as dificuldades que a escola tem em propiciar a interação com a família, que na maior parte do tempo não cumpre suas responsabilidades, deixando de realizar também o papel de grandes educadores, ao omitir informações, e a cooperação necessária à aprendizagem e formação do aluno. O educador se tornou um ponto de conflito entre as duas instituições, havendo necessidade de uma intervenção pedagógica estruturada a fim de desvendar novas alternativas

e condições facilitadoras visando a melhores resultados.

O educando, ao ingressar na instituição escolar, traz consigo uma história de vivência e oportunidades muito complexa, a qual é preciso estudar e caracterizar. A escola revela os problemas de aprendizagem do aluno, em vez de buscar adotar uma atitude preventiva e uma prática compensatória. O estudante com dificuldade revela algo pelo qual não é responsável, na medida em que seu crescimento biológico, psicológico e social depende, fundamentalmente, das atitudes dos adultos com os quais convive.

Atualmente, o que descobrimos sobre dificuldades escolares é que estamos passando por um processo de transformação e enfrentamento de novos paradigmas. Antes, estudantes que apresentavam algum tipo de problema eram chamados de maus alunos. Essa mudança de vocabulário tem a vantagem de dar uma nova direção à investigação psicopedagógica.

Fica evidente que essas dificuldades não são todas de origem emocional ou afetiva. Há, sim, aquelas que resultam de maior ou menor aptidão escolar, mas muitas são também de responsabilidade do educador, de acordo com Paulo Freire, que mostra que ensinar não é transmitir somente conhecimentos, e sim criar possibilidades para a produção do saber.

Ainda na concepção de Freire, uma das primeiras exigências é o rigor metódico, exige pesquisa estudo e aprofundamento reforçando a capacidade crítica do educando, auxiliando-o a se tornar criador, investigador, um ser inquieto, rigorosamente curioso, humilde e persistente, pois as necessidades variam de acordo com diversos aspectos sociais.

As mudanças drásticas de rotina, bem como a falta de tempo para conversar, ouvir, ensinar uma tarefa, dar orientação num trabalho, perguntar ao filho como foi seu dia, ocasionam baixo rendimento escolar, sobretudo porque essa atenção e orientação não podem ser dadas somente na escola, em que o tempo nem sempre permite a realização de todas as atividades necessárias, colocando a aprendizagem em risco.

Em consequência dos fatores expostos, estudantes ficam com a autoestima abalada e não querem aprender. À escola, vêm sendo atribuídas noções de educação básica, que são e sempre foram de responsabilidade das famílias, as quais passam todo o tempo em seus afazeres, sem um convívio diário com os filhos, sem orientá-los.

Muitas vezes, o estudante chega à escola sem limites, enfrenta o professor, que mal consegue falar e, em alguns casos, é agredido verbal e fisicamente. Na instituição de ensino acaba ocorrendo o encontro entre educação e violências, do qual os atores são educadores e educandos (PINSKY, 1999).

Outro problema grave da educação é a permissividade excessiva. Como os jovens têm muitos direitos e nenhum dever, muitas vezes se afastam da escola. É necessário repensar a relação família-escola, pois é dever dos pais educar os filhos e buscar uma parceria com a instituição. Infelizmente, essa atitude vem sendo confundida com transferência de todas as responsabilidades para a escola (CARRARO, 2006).

A família é a base e serve de parâmetro para a criança, que se comporta na sociedade da forma que foi ensinada. É comum, no entanto, encontrar problemas como permissividade, pobreza, ausência de valores e falta de participação dos pais na vida escolar dos filhos. As crianças que vivenciam essas situações acabam por transferir seus problemas para a escola.

É relevante citar o relatório Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI (1996, p. 95), da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), que reforça que “a família constitui o primeiro lugar de toda e qualquer educação e assegura, por isso, a ligação entre o afetivo e o cognitivo, assim como a transmissão de valores e normas” (ARIÈS, 1988).

A família, núcleo primordial da educação, tem delegado esse papel para a escola, mas nenhuma instituição poderá substituir as condições educativas da família. À escola não se pode pedir mais do que ensinar os conteúdos programáticos exigidos pelo MEC, ainda que a instituição não possa ignorar conflitos e problemas sociais.

De acordo com Singly (2007), a vida é uma sequência de lutas e contradições, de modo que a relação familiar pode influenciar no desempenho escolar. Segundo Áries, toda educação se dava pelo aprendizado. [...] Não se mantinham as crianças em casa. Elas eram enviadas para outra família, a fim de viver ou aprender os comportamentos de um cavalheiro ou de uma profissão. [...] Não havia lugar para a escola nessa transmissão de aprendizado dentro de uma geração para outra. No aprendizado, a criança adquire um estatuto de criança tão evidente quanto nos parece que detém: o de um longo período de socialização com seus pares, jovens da mesma idade, associado ao estabelecimento de uma relação de dependência dos pais (apud SINGLY, *ibid.*, p. 45-46)

O fato de a família não intervir mais tão diretamente quanto antes não significa que tenha perdido totalmente o poder, mas se tornou dependente da sociedade. Esse acompanhamento é necessário, a fim de detectar as desvantagens em estágio inicial e resolvê-las em tempo hábil. A escola demanda bastante tempo da família, cujas atitudes remetem a um progresso ou regresso em sua trajetória. A estratégia de abordagem tem se tornado um grande desafio, já que certas normas familiares perderam a eficácia.

A criança, no ambiente familiar e escolar, tem favorecido ou desfavorecido o desenvolvimento psicológico sobre o consciente e o inconsciente, pois se trata de um cidadão em formação, que está aprendendo a se relacionar e a adquire regras de convívio desde o nascimento.

Crianças e adolescentes são muito sensíveis a mudanças bruscas, como separação dos pais, mudança de casa ou de escola, troca de um professor querido. Sem a interação família-escola, o processo educacional é muito prejudicado, porque perde a sintonia do que é ensinado em ambos ambientes (PAIS, 2001).

A família deve se mostrar tão interessada na educação quanto a escola, que tem o papel de dar prosseguimento ao que foi iniciado pela família, com a responsabilidade de introduzir influências capazes de compensar as deficiências da criação familiar.

4 CONCLUSÃO

Por meio das abordagens dispostas neste artigo, devemos considerar o aluno um indivíduo que apresenta problemas peculiares à sua faixa etária, assim como o adulto.

Percebemos que as variáveis sociais, culturais e ambientais, particularmente aquelas que dizem respeito ao funcionamento familiar, ou seja, a família que acompanha o processo de aprendizagem do filho, são fundamentais quando surgem dificuldades. Logo, se a família acompanhar o rendimento das crianças, elas dificilmente enfrentarão situações de defasagem no aprendizado. Há uma espécie de efeito de proteção exercido pelos bons relacionamentos familiares que se estende até a adolescência e que, em geral, fazem os estudantes se tornarem adultos não vulneráveis a esse tipo de problema.

Chamamos a atenção para a prática docente e do olhar desse professor perante cada aluno, haja vista que o ambiente escolar é muito importante para o diagnóstico precoce e o tratamento de sucesso dos jovens.

É primordial que seja desenvolvido um trabalho de informação e conscientização para professores e pais sobre problemas emocionais que os alunos podem ter.

Percebemos que é necessário trabalho em equipe e diálogo, de modo que em nenhum momento o aluno seja deixado em segundo plano.

É necessário que tanto o professor quanto todo o contexto escolar estejam preparados para tal atividade. A formação desenvolve essa prática preventiva na sala de aula e na escola, cabendo ao professor mediá-la de forma verdadeira e significativa.

O professor capacitado para perceber as possíveis mudanças no aluno é consciente e sensível diante das dificuldades da alma humana. Ele ajuda no sucesso ou no fracasso escolar do estudante.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. A criança e a vida familiar no Antigo Regime. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1998.

_____. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC, 1981. BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado, 1988.

_____. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. CARRARO, R. Reportagem Revista Criança – MEC/SEB, 2006.

DI SANTO, J. M. R. Centro de Referência Educacional – Consultoria e Assessoria em Educação. Retrieved from (Artigonal), 2007.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LÜDKE, M. A.; MARLI, E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MORIN, E. Ciência com consciência. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. Introdução ao pensamento complexo. 2 ed. Lisboa: Instituto Piaget. 1996.

_____. Para onde vai o mundo? Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2002. OLIVEIRA, Z. Educação infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

PAIS, J. M. Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro. Porto: Âmbar, 2001. PINSKY, J. Educação e cidadania. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1999.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 23 ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SINGLY, F. Sociologia da família contemporânea. Rio de Sociologia da família contemporânea, Janeiro: FGV, 2007